

Em rápida ascensão, Bacellar mira governo do Rio

Deputado de segundo mandato, presidente da Alerj deixou o baixo clero, no intervalo de uma legislatura, para relatar o processo de impeachment de Witzel. Hoje, controla sete secretarias da gestão Castro e articula candidatura em 2026

JULIA NOVA
jnov@globo.com.br

Com sete secretarias e controle de órgãos estratégicos no governo Cláudio Castro (PL), o presidente da Assembleia Legislativa do Rio, Rodrigo Bacellar (União), mira a disputa pelo comando do estado em 2026, na avaliação de parlamentares, caciques partidários e integrantes do Palácio Guanabara. Para esses políticos, a influência de Bacellar cresceu ainda mais na esteira das investigações em curso contra Castro. O deputado do União Brasil, no entanto, não é o primeiro presidente da Alerj a fazer sombra no governador. A Casa tem um histórico de presidentes poderosos, como Sérgio Cabral e Jorge Picciani.

Deputado de segundo mandato com trajetória meteórica, Bacellar se projetou com o apoio do então presidente da Alerj, André Ceciliano (PT), seu ex-aliado, e do próprio Castro. De Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense — reduto da família Garotinho, de quem é adversário —, Bacellar foi eleito deputado pela primeira vez em 2018 pelo Solidariedade. Em apenas uma legislatura, deixou o baixo clero para relatar o processo de impeachment do ex-governador Wilson Witzel, em 2020.

A função o chamou para assumir a Secretaria de Governo do então recém-empossado governador Cláudio Castro, de onde se catapultou à presidência do Legislativo fluminense. Hoje, Bacellar senta mesa para tomada de decisões do Palácio Guanabara junto a três apadrinhados que integram o "núcleo duro"



Trajetória. A influência de Rodrigo Bacellar cresceu ainda mais na esteira das investigações contra Cláudio Castro. Alerj tem histórico de presidentes fortes

Indicações no primeiro escalão

- **Sete secretarias**
 - Educação
 - Fazenda
 - Governo
 - Trabalho e Renda
 - Planejamento e Gestão
 - Transformação Digital
 - Desenvolvimento Econômico, Indústria, Comércio e Serviços
- **Outros órgãos**
 - Polícia Civil
 - Detran
 - Rioprevidência
 - Departamento de Estradas e Rodagem (DER)

da gestão — os secretários de Governo, Bernardo Rossi; de Planejamento, Adilson Faria; de Fazenda, Leonardo Lebo. Além dessas pastas, ele controla cargos em outras quatro secretarias: Educação, Trabalho e Renda, Transformação Digital e Desenvolvimento Econômico, Indústria, Comércio e Serviços. Também estão sob sua influência, postos em órgãos importantes do Estado, como o Detran, o DER, a Polícia Civil e o Rioprevidência. Em nova investida, ele ainda tenta conquistar mais uma secretaria, a de Meio Ambiente, hoje comandada pelo vice-governador, Thia-

go Fampolha (MDB).

— Depois de um ano de governo, ele (Bacellar) é um presidente em ascensão — resume o deputado Luiz Paulo (PSD), que acompanha a trajetória de seis presidentes da Alerj.

Em entrevista ao GLOBO em julho do ano passado, o presidente da Alerj, à época ainda filiado ao PL, sigla do governador, afirmou que, apesar de sua boa relação com Castro, faltava ao chefe do Executivo "atender aos aliados". Após essa cobrança pública, o deputado foi ganhando mais espaço no governo.

— Eu acho que falta um pou-

co mais de atendimento do go-

vernador, atender aos aliados.

Já dei isso claro para ele.

No fim do ano passado,

Bacellar foi autorizado a

trocar o PL pelo União, par-

tido no qual foi recebido por

lideranças nacionais e já

com a missão de coordenar

as estratégias da legenda pa-

ra as próximas eleições.

Para políticos experien-

tes, a aproximação de Cas-

tro com Bacellar também

visa a não correr o risco de

seguir o mesmo caminho de

Witzel, que não tinha boa

relação com Ceciliano —

presidente da Alerj na épo-

ca. Em dezembro passado, o

ministro Raul Araújo, do

Superior Tribunal de Justiça

(STJ), determinou a quebra dos sigilos bancário, fiscal e telemático do governador no âmbito da Operação Sétimo Mandamento.

Na ocasião, a PF apreendeu R\$ 128 mil e US\$ 7.535 na casa do irmão do governador, Vinicius Sarcia Rocha. Também foram encontradas anotações e planilhas com nomes, valores e percentagens. No começo das investigações, Sarcia trabalhava na Fundação Leão XIII, que administrava contratos sob avaliação. Na época da operação, Castro afirmou que a ação não traria "nenhum novo fato à investigação", "que não há nada contra ele, nenhuma prova" e que recebia a quebra de sigilos com "tranquilidade".

HISTÓRICO DE INFLUÊNCIA

Embora deputados da base o definam como "conciliador", nos bastidores da Alerj Bacellar é tido como mais truculento que seus antecessores, principalmente em temas do Palácio Guanabara. À frente da Casa, atuação o difere de outro poderoso chefe do Legislativo do Rio, Jorge Picciani, que ocupou o cargo durante as gestões de Rosinha Garotinho (2003-2007) e Sérgio Cabral (2007-2011).

O cacique do MDB, que morreu em 2021, era temido, mas tinha o respeito dos colegas e relação próxima com os titulares poderosos do Executivo. Para pessoas próximas, pesa a favor de Bacellar a ascensão de um governador com pouca experiência que se viu fragilizado politicamente com o avanço de investigações nas Cortes superiores.

PODER PARALELO NA ASSEMBLEIA



Sérgio Cabral
Eleito presidente da Alerj em 1995 com o apoio de Marcello Alencar (PSDB), governador à época e um de seus padrinhos políticos, Sérgio Cabral (MDB) presidiu a Assembleia Legislativa do Rio até 2003. No comando da Alerj, rompeu com o governador ao abrir processo de cassação de parlamentares por suposto esquema de compra de votos para evitar a derrota de veto de Marcello Alencar ao projeto para privatização da Cedeas.



Paulo Melo
Aliado de primeira hora e amigo de Sérgio Cabral, Paulo Melo (MDB) comandou a Alerj entre 2011 e 2015 — durante o segundo mandato do então governador Cabral. Nesse período, Melo tinha influência no Detran e em órgãos da área de transportes, como a Fetransp. Ele foi preso em 2017 no âmbito da Lava-Jato por suposto recebimento de propina de empresas de ônibus. A condenação foi anulada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2022.



Jorge Picciani
Presidente da Alerj durante três governos diferentes, Jorge Picciani (MDB) era amigo e aliado de Cabral e de Luiz Fernando Pezão, em cujos governos tinha a gerência da Secretaria de Educação. Ele também dava as cartas na Secretaria de Habitação, onde colocou seus filhos Leonardo e Rafael. Picciani também foi preso na Lava-Jato e condenado a 21 anos de prisão por recebimento de propina e lavagem de dinheiro. Ele morreu em 2021.



André Ceciliano
Na presidência da Alerj, André Ceciliano (PT) reuniu o apoio de parlamentares da esquerda à direita e chegou a ser próximo do governo de Wilson Witzel. Em 2020, investigação do Ministério Público Federal (MPF) o apontou como organizador de esquema de corrupção na Saúde estadual, o que Ceciliano negou. Após romper com Witzel, ele pediu o pedido de impeachment contra o governador, que levou à cassação do mandato.

Coberturas na Zona Sul e mansão na Região Serrana na mira do MP

Arapuraças têm como foco uso de imóveis e escândalo do Ceperj

Apesar da influência no Executivo e no Legislativo e dos planos de voos mais altos, o presidente da Assembleia Legislativa do Rio (Alerj), Rodrigo Bacellar (União), vem enfrentando uma série de reverses perante o Ministério Público desde 2022, quando já tinha apadrinhados no governo de Cláudio Castro (PL).

No período, o parlamentar viu o alvo de investiga-

ções em dois casos distintos. A apuração mais antiga começou em agosto de 2022 e Bacellar foi acusado, junto com mais 11 pessoas, entre elas Castro, de abuso de poder político e econômico pelo Ministério Público Eleitoral em esquema de corrupção envolvendo órgão estadual de educação.

No ano passado, a Procuradoria-Geral de Justiça (PGJ) do estado também pe-

diu a instauração de uma investigação preliminar para apurar o uso por Bacellar de imóveis comprados por advogado beneficiado por agência estadual. Em 2022, o MP passou a investigar a influência de parlamentares, entre eles Rodrigo Bacellar, em indicações e projetos do Ceperj, fundação de ensino e formação estadual. Segundo os investigadores, ele também

teria gerência sobre indicações para retirada de dinheiro vivo feitas na boca do caixa em Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense, por meio de contratos de mão de obra pouco transparentes. Familiares de vereadores da região teriam feito saques de mais de R\$ 300 mil pela modalidade.

Em uma única agência bancária da cidade, funcio-

nários ligados ao Ceperj sacaram mais de R\$ 12 milhões. A Secretaria de Governo, que Bacellar comandou até abril de 2022, inundou os cofres do Ceperj com R\$ 64,8 milhões vindos do leilão da Cedeas até julho daquele ano. No final de 2022, o MPF pediu a cassação e a

inelegibilidade do político, que na época tinha acabado de ser reeleito deputado estadual. Ao GLOBO à época, Bacellar negou as acusações e disse que "vai comprovar sua 'integridade no exercício da função pública'".

COBERTURAS E MANSÃO

Poucos meses depois, a PGJ instaurou uma investigação preliminar para apurar o uso, pelo presidente da Alerj, de imóveis comprados por um

advogado que se beneficiou de recursos de agência estadual, conforme noticiou o GLOBO em agosto passado. O político vive no Rio em duas coberturas de alto padrão compradas por Jansens Call Siqueira, de Campos dos Goytacazes, que pegou empréstimo por meio

da Agência de Fomento do Rio (AgeRio) para a construção de um frigorífico, do qual Bacellar também aparecia como sócio. Os imóveis teriam sido adquiridos por valores bem abaixo da média para apartamentos semelhantes.

Além das coberturas em Botafogo, na Zona Sul do Rio, Bacellar ainda mantém outra parceria com o advogado, com quem dividiu a compra de uma mansão em Teresópolis, na Região Serrana do estado. Parte do valor do imóvel teria sido pago em dinheiro vivo. O local seria usado pelo político nos fins de semana.

Ao GLOBO, na ocasião, Bacellar repudiou as acusações e participação na obra do frigorífico. (Julia Nova)